

SENSEO

INCOMUM



Uma revista contra a corrente

nº1 - janeiro de 2016



[P R E V I S Õ E S 2 0 1 7]

TERROCRISMO
GEOINFLAÇÃO
BREXIT
FRANÇA
ALEMANHA
FRANÇA



Sangue e suor

Apesar de muitas dificuldades, hoje podemos entregar esta segunda edição de nossa revista virtual, mas sempre com extremados agradecimentos a nossos leitores e patronos, os responsáveis por podermos prosseguir com este trabalho.

Nos tempos que correm, de “*pós-verdade*” e de “*fake news*”, sites pequenos estão sob fogo pesado da grande e velha mídia, preocupada com o descrédito de suas narrativas e assistindo seu poder de influência se minar dia após dia. Podemos pesquisar mais, estudar mais e revelar verdades, mas enquanto não forem chancelados por um grande órgão, seremos tratados como meros “boatos” e “palpites”.

Entretanto, nós, do *SensoIncomum.org*, temos orgulho de termos apostado em nossos próprios estudos, mesmo quando discoravam das redações e estúdios dos grandes jornais. Como resultado, terminamos 2016 sendo lembrados como um dos raríssimos sites no Brasil a fazer previsões a acertá-las todas, uma a uma, sem precisar depois inventar desculpas chiques, com roupagem intelectual.

É neste espírito que entregamos um novo material a nossos patronos, aqueles que confiam em nosso trabalho e percebem que têm,

em nosso site, informações muito mais importantes do que aquelas veiculadas pelos grandes e velhos órgãos de imprensa.

Para se ter uma idéia, uma análise apenas da geopolítica provável do governo Trump feita pelo *think tank Stratfor*, com meras 60 páginas, é vendida por US\$ 299, valor que chega perto de mil reais. Estamos oferecendo um material de meses e meses de pesquisa, obviamente sem querermos nos comparar a um instituto que tanto acertou contra a mesma mídia no passado, a um preço que se inicia com um único dólar.

Ainda estamos buscando financiamento, tal como parcerias. Por conta disso, pedimos desculpa pelos atrasos – é quase impossível organizar o site inteiro com poucas mãos. Mas esperamos contar com sua ajuda para divulgar nosso conteúdo – afinal, é contando verdades que não vemos na imprensa tradicional que podemos fazer este trabalho, que vocês, nossos patronos já admiram.

Portanto pedimos que nossos patronos recomendem aos amigos as vantagens deste conteúdo exclusivo, para que também façam a assinatura em nosso **Patreon** e conheçam o **Senso Incomum**. Até mesmo para o marketing, não possuímos nada mais precioso do que nossos leitores.



Flavio Morgenstern
Editor-chefe



PREVISÕES 2017

04



UM BRASIL SEM PMDB?

16



PÓS-VERDADE DA PÓS-MÍDIA

20



Previsões 2017

Em 2016, acertamos nossas previsões seguidamente, e até fizemos parte de mudanças significativas para o Brasil. Hora de trabalhar o ano que se iniciou.

O ano surpreendente de 2016 poderia surpreender menos com conceitos mais profundos e menos escorregadios por parte dos analistas políticos mundiais. É com uma visão que permite mais detalhes e menos equívocos – o que os ingleses chamam de *misconception*, quando se tenta definir uma coisa, mas a definição não bate com a coisa – que podemos apresentar alguns prognósticos possíveis para 2017. Algo muito mais sólido do que os palpites gourmet da grande e velha mídia.

TERRORISMO

O Estado Islâmico volta para casa

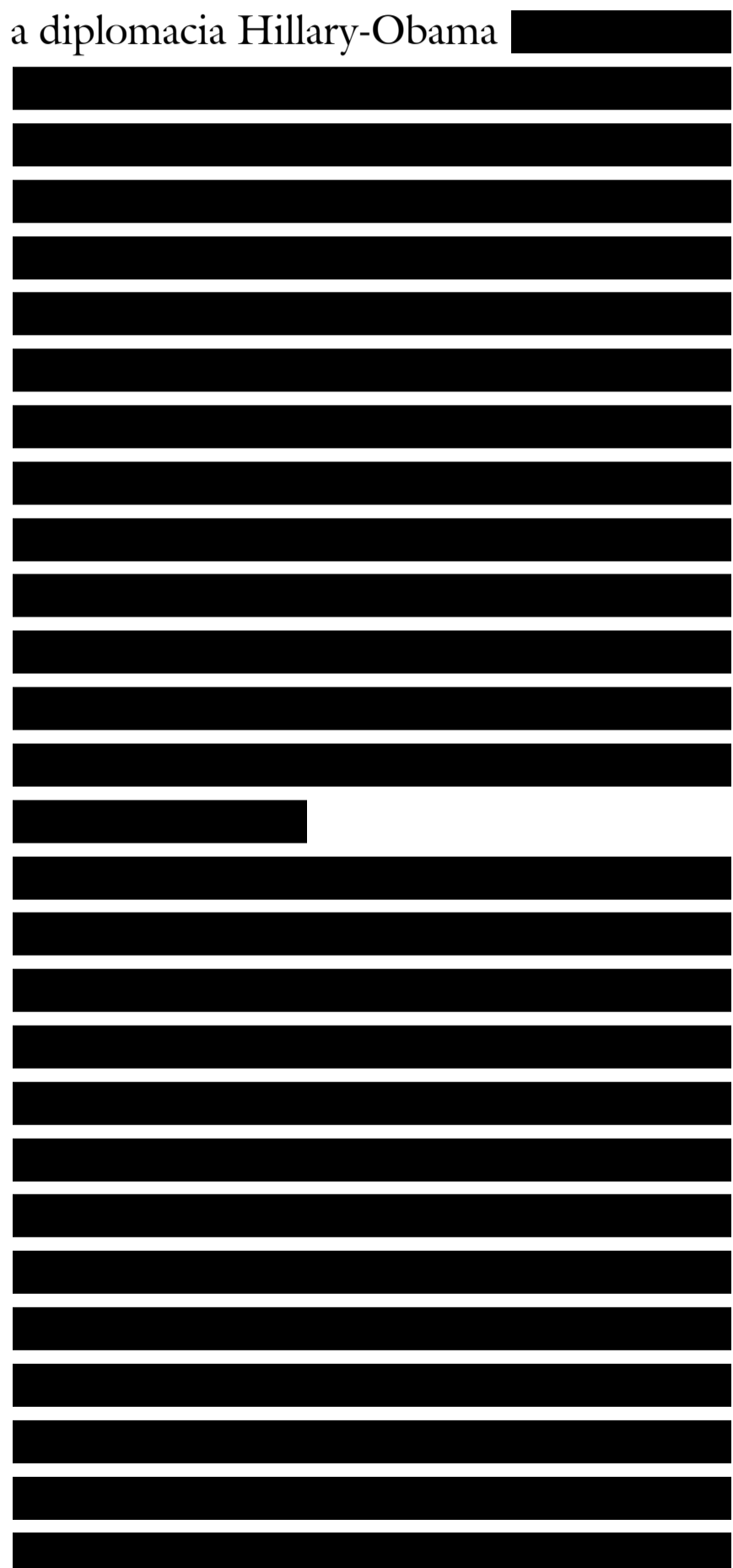
O maior derrotado de 2016, além de Hillary Clinton e Dilma Rousseff, foi o *Daesh*, o Estado Islâmico da Síria e do Iraque. Antes de 2016 um forte de resistência que tinha sob seu poder uma área equivalente à da Inglaterra, a partir do momento em que Vladimir Putin une forças ao exército oficial sírio para combater os grupos insurgentes, sob comando do ditador Bashar al-Assad, o Estado Islâmico

começa a enfrentar um inimigo realmente poderoso. No fim de 2016, o outrora perigosíssimo ISIS estava reduzido a uma espécie de arquipélago, com vários buracos que impediam a comunicação entre suas lideranças.

Comentamos sobretudo em dois episódios de nosso podcast (“Putin Contra o Mundo” e “Terceira Guerra Mundial”), como a situação na Síria deixou a América de Barack Obama, tendo Hillary Clinton como Secretária de Estado, em rota de colisão com Vladimir Putin. O ditador russo via o ditador sírio como um aliado, e observou, rapidamente, que a inédita fraqueza americana para guiar o mundo e combater o terrorismo poderia lhe conferir um novo posto como líder global (posição esta que efetivamente conquistou em diversos corações no Ocidente).

Putin, efetivamente, foi o principal responsável pelas derrotas seguidas do Estado Islâmico, que culminaram na retomada de Mosul, no norte do Iraque, uma das cidades mais ricas do país, a partir de outubro de 2016, na ofensiva “*We Are Coming, Nineveh*”. A América de Hillary Clinton ficou do lado oposto: entusiasmados com a Primavera Árabe, que derrubou diversos ditadores da região a partir da Tunísia, em 2010, a geopolítica de Hillary-Obama preferiu armar os grupos rebeldes que tentavam derrubar Bashar al-Assad.

Entre estes rebeldes, havia de saudistas, salafistas-wahhabistas (o “islamismo puro” mais rejeitado na Rússia), qatares, turcos e membros da al Qaeda e do próprio Estado Islâmico. Sem uma definição clara de quem fazia parte do quê, o dinheiro do pagador de impostos americano, sob a diplomacia Hillary-Obama



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]





Um Brasil sem PMDB?

Não há grandes esperanças no horizonte brasileiro. Mas uma mudança se faz sentir: o ocaso de seu maior partido.

Alguns leitores nos pedem artigos sobre o Brasil, após nossos olhos se voltarem para a América e a Europa no fim do ano. Pouco há a ser dito sobre o país em termos de análise: ele continua como sempre foi. As notícias chamam atenção temporária: logo se lembra que, entre bilhões e bilhões, a descoberta de novos bilhões afanados não produz senão um incômodo passageiro. Por isso a análise fica comprometida: pouco há a ser dito, além de acompanhar o noticiário. Mas, mirando 2017, podemos traçar já alguns panoramas.

pós-impeachment e pré-2018. Este confuso período Temer será o vácuo de explicação que deixará nossa historiografia ainda mais violentamente manipulada por pessoas falando em “golpe” ou jurando de pés juntos que o impeachment foi arquitetado pessoalmente por Michel Temer (a narrativa “Eduardo Cunha”, usada até 1 minuto antes de sua prisão, teve de sair de moda às pressas, talvez tendo até deixado rastro em alguns dos vários livros sobre “golpe” já publicados).

Há três chaves de leitura para o Brasil

A primeira diz respeito a uma psicológico-

gia do estado geral da nação. Com o impeachment de Dilma Rousseff, uma presidente e um partido que parecia incapaz de largar o osso do poder caíam, à força da lei e do povo (um fato e um simbolismo que a impugnação da candidatura de Dilma, embora pudesse apagar Temer junto, não conseguiria reproduzir). O Brasil escapava da rota da venezuelização, ou de reproduzir a política mexicana, há quase 90 anos com o mesmo

[Redacted]

[Redacted]

[Redacted]



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]





Pós-mídia na pós-verdade

A mídia não é mais entendida como amiga do povo, e sim de políticos. É um efeito tardio de algo que se iniciou ainda na Revolução Francesa.

P*ost truth* foi considerada expressão do ano da língua inglesa pelos organizadores do dicionário Oxford. Como toda entrada de dicionário, é uma escolha ideológica: tenta-se da chancela a uma visão de mundo que cria palavras, por tal visão de mundo ser trabalhada por especialistas em comunicação. Um dicionário dificilmente daria atenção a palavras como *astroturfing*, *dog-whistle*, *spin doctor*, *empty suit* ou *newspeak* (para ver seus significados, leiam o artigo [5 Termos muito úteis que os petistas não querem que você conheça](#), de Cedê Silva, no site do **Senso Incomum**). Com toda a facilidade, falam de pós-verdade, de empoderamento, de *mansplaning*, de sororidade e de micro-agressão. Ou, no Brasil, tentam dar uma carga de “uso normal” para o termo “presidenta”, como se tivesse sido sempre usado da forma como se referem a Dilma Rousseff.

A tal “pós-verdade” seria um clima em que a verdade não conta mais, e sim boatos de internet. Contudo, “verdade”, para usuários de tal termo e outras drogas, seria o

que está no New York Times, na CNN, na Folha e na Globo News. Eles, como disse Brian Stelter, da CNN, praticam “jornalismo objetivo”. Fatos, apenas fatos, e nada mais. Mesmo que, misteriosamente, tudo o que digam seja desconfirmado pela realidade logo depois. A explicação? O mundo não vive mais a verdade que só existe na cabeça da CNN, mas a “pós-verdade”, que são... os fatos fora de sua redação.

Como sempre, entender como a mídia funciona diante da realidade é muito simples: basta multiplicar suas declarações por -1. O funcionamento é óbvio: a função da mídia é funcionar como o quarto poder, uma “moderação” ou observância que dedure ao público, alheio aos trâmites de uma política cada vez mais complexa (até mesmo em tecnologia), o que é que os políticos estão fazendo.

Para tal intento, ela deve ser um poder razoavelmente isento: não no sentido de não ter preferências ou ser “imparcial”,

uma impossibilidade lógica, mas de não ser dependente de uma das partes. Em outras palavras, pode torcer, tentar influenciar. Mas deve fazer isso informando, mostrando fatos que, de outra forma, o público não conheceria. Como corolário, a mídia deve ser um poder que não é exatamente percebido como um poder: ela não pode ser algo como um partido, ou alguém em disputa. Seu papel, até mesmo quando se trata de um jornal ruim, deve ser o de “fora” do esquema político-partidário: um jornal ruim informaria mal, não seria um player, alguém com interesses, um outro partido além dos oficiais.

[REDACTED]

[REDACTED]



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]



Flavio Morgenstern
Editor Chefe

Filipe Martins
Editor Assistente



senso
incomum

Projeto Gráfico e Edição de Arte

Pier Agência Multiplataforma

Gustavo Lamb Finger
Sérgio Roberto Finger Dutra Filho

www.pier.ws
(51) 3084.6789

Podcast Guten Morgen

Panela Produtora

Filipe Trielli

David Mazzuca Neto

João “Janjão” Vasconcellos

Daniel Galli

Luigi Marnoto

Regilene Trindade

www.pane.la